

issn: 2176-5960



Προμηθεύς

journal of philosophy



n. 42 maio - agosto de 2023

JOHN LOCKE: ALGUNS PENSAMENTOS SOBRE A LEITURA E OS ESTUDOS DESTINADOS AO USO DE UM CAVALHEIRO¹

Tradução de Rodrigo Jungmann

DFL-UFPE

Introdução: Escrito em 1703, no ano anterior à morte de John Locke, este breve ensaio nos fornece uma visão das concepções pedagógicas maduras do autor, que de certa forma complementam aquilo que podemos depreender da leitura dos seus “Alguns Pensamentos sobre a Educação”, obra datada de 1693. Estritamente ancorado nas concepções empiristas de Locke, este último tratado se ocupa da educação da criança e de sua relação com os pais ou, alternativamente, os preceptores. O texto que o leitor tem em mãos, por seu turno, destina-se não a educadores de crianças mas ao homem – ou, mais precisamente, ao “cavalheiro” (*gentleman*) inglês sequioso de obter uma boa educação. De caráter eminentemente prático, os conselhos de Locke aqui não se baseiam fundamentalmente nas suas teorias epistemológicas, mas antes na sua vasta experiência como um homem de cultura e um homem do mundo, bem versado nas artes da política e da diplomacia. Nunca é demais enfatizar que a contribuição de Locke para o sucesso da Revolução Gloriosa, de 1688, não foi puramente teórica. Locke participou da conspiração que depôs Jaime II e levou ao trono Guilherme de Orange.

¹ Tradução de “Some Thoughts concerning Reading and Study for a Gentleman”. O original está contido nas pp. 403-412 do Volume II de “The Works of John Locke in Nine Volumes”, disponível em pdf no site do Liberty Fund. O volume em questão está disponível integralmente em https://oll-resources.s3.us-east-2.amazonaws.com/oll3/store/titles/762/0128-02_Bk.pdf. (Nota do tradutor).

A leitura serve ao aprimoramento da compreensão.

O aprimoramento da compreensão serve a dois fins: em primeiro lugar ao aumento do nosso conhecimento e, em segundo lugar, a nos tornar aptos a transmitir e deixar tal conhecimento claro para os outros homens.

A última destas funções, se não for a principal finalidade dos estudos para um cavalheiro, é, no entanto, ao menos igual à outra, visto que a maior parte da sua atividade e utilidade no mundo se dá pela influência do que ele diz, ou escreve para os outros.

A extensão do nosso conhecimento não pode exceder a extensão das nossas ideias. Por isso, aquele homem que aspira a possuir um saber universal deve familiarizar-se com os objetos de todas as ciências. Mas isto não é necessário para um cavalheiro cuja vocação real é o serviço do seu país e que destarte se interessa de modo mais apropriado pelo conhecimento moral e político. Assim, os estudos com uma pertinência mais imediata à sua vocação são aqueles que tratam dos vícios e das virtudes, da sociedade civil e das artes da governança, e também incluirão o direito e a história.

É suficiente para um cavalheiro estar bem provido das ideias atinentes à sua vocação, que ele encontrará nos livros que tratam das matérias acima mencionadas.

Mas o próximo passo na direção do aprimoramento da sua compreensão deve ser o de observar a conexão destas ideias nas proposições que estes livros defendem e que pretendem ensinar como verdades, as quais, até que um homem possa julgar se são verdades ou não, pouco fazem para melhorar a sua compreensão, enquanto ele pensa e fala seguindo o modelo dos livros que leu, sem que por meio disso tenha obtido nenhum conhecimento real. Assim, homens que leram muito são possuidores de muito estudo, mas podem pouco saber.

O terceiro e último passo, portanto, para o aprimoramento da compreensão consiste em descobrir sobre que fundamento se assenta qualquer proposição apresentada e em observar a conexão das ideias intermediárias por meio das quais a proposição se une a tal fundamento, sobre o qual está erigida, ou àquele princípio, do qual deriva. Esta, em suma, é a forma correta de raciocinar, e é só desta maneira que o verdadeiro conhecimento há de ser obtido por meio da leitura e do estudo.

Quando um homem, pela força do costume, se apossou desta faculdade de observar e julgar o raciocínio e a coerência do que lê, e de que maneira isso fornece

provas do que pretende ensinar, estará, então, e não antes disso, de posse do modo correto de aprimorar a sua compreensão e de expandir o seu conhecimento pela leitura.

Mas em virtude do fato de que isto, como deixei dito, não é tudo aquilo a que um cavalheiro deve visar com a leitura, ele deve ainda tomar também o cuidado de se aprimorar na arte de bem falar, de tal forma que se torne capaz de fazer o melhor emprego daquilo que sabe.

A arte de falar bem consiste principalmente de duas coisas, a saber, a clareza e o raciocínio correto.

A clareza consiste principalmente no uso dos termos apropriados para as ideias ou pensamentos que o cavalheiro gostaria de passar da sua própria mente para a de um outro homem. É isto que lhes dá uma fácil acolhida, e é com deleite que os homens atentam para aqueles que eles conseguem entender com facilidade, ao passo que aquilo que é dito de modo obscuro, passando a morrer já no momento em que é proferido, apenas cria no ouvinte um preconceito, como se aquele mesmo homem que falou não soubesse o que dizia, ou como se temesse vê-lo compreendido.

A maneira de conseguir isso consiste em ler livros escritos com grande clareza e propriedade, na língua que se usa. Um autor de realizações excelentes nesta habilidade, assim como em várias outras, é o Dr. Tillotson, antigo arcebispo da Cantuária, em tudo o que foi publicado por ele. Optei pela escolha deste modelo para a obtenção do sucesso da arte de falar com clareza, de preferência aqueles que fornecem regras a respeito disso, visto que somos mais propensos a aprender pelo exemplo do que seguindo diretivas. Mas se alguém tiver a intenção de consultar os mestres na arte de falar e escrever, pode encontrar em *De oratore*, de Cícero, e num outro dos seus tratados intitulado *Orator*, assim como nas *Instituições* de Quintiliano e no *Traité du sublime*² de Boileau, instruções a esse respeito, e também sobre os outros aspectos do bem falar.

Além da clareza, deve haver também um raciocínio correto, sem o qual a clareza só serve para deixar o falante exposto de uma maneira desfavorável. E para conseguir obter isso, gostaria de propor a leitura constante de Chillingworth, que com o seu exemplo lhe ensinará tanto a clareza quanto os procedimentos do raciocínio correto de uma maneira melhor do que a de qualquer livro que eu conheça e que, por esse motivo, merecerá ser lido reiteradamente, e isso sem nada dizer dos seus argumentos.

² Este tratado é uma tradução de Longino. (Nota de Locke)

Além destes livros em inglês, Cícero, Terêncio, Virgílio, Lívio e os Comentários de César podem ser lidos para formar a mente no deleite com a forma correta de falar e escrever.

Os livros que mencionei até aqui foram mencionados apenas pela sua utilidade para a prática de bem escrever e bem falar, e não somente pelo fato de merecerem ser lidos por outros motivos.

Mencionei acima o estudo da moralidade como o que convém a um cavalheiro, não simplesmente como homem, mas tendo em vista a sua atuação como um cavalheiro. Desta natureza há bastantes livros, escritos tanto pelos filósofos antigos quanto pelos modernos, mas a moralidade dos evangelhos os supera de tal forma que, para dar a um homem um conhecimento pleno da moralidade, não lhe enviaria outro livro além do Novo Testamento. Mas se ele estiver interessado em ver até que ponto o mundo pagão levou adiante tal ciência e sobre que base fundou a sua ética, ele poderá se entreter com deleite e proveito com o *De Officiis*, de Cícero.

A política contém duas partes que são muito diferentes uma da outra. A primeira versa sobre a forma original das sociedades e sobre a ascensão e a extensão do poder político; a outra se ocupa da arte de governar os homens em sociedade.

O primeiro tipo tem sido tão divulgado entre nós nestes últimos sessenta anos que mal chega a ser possível perdê-lo de vista. Aqueles que, segundo creio, são os mais comentados em inglês são o primeiro livro de *Governo eclesiástico*, do sr. Hooker, e *Discursos acerca do governo*, do sr. Algernon Sydney. Nunca li o último destes livros. Que me seja permitido acrescentar *Dois tratados sobre o governo*³, impressos em 1690, e um *Tratado de Governo Civil*, impresso neste ano.⁴ A estes se podem acrescentar, da autoria de Pufendorf, *De Officio Hominis et Civis* e *De Jure Naturali et Gentium*, o último dos quais é o melhor livro deste tipo.

Quanto à outra parte da política, que diz respeito às artes do governo, penso que a melhor forma de aprender isto é por meio da experiência e da história, especialmente aquela do próprio país de um homem. E, por isso, penso que um cavalheiro inglês deve ser bem versado na história da Inglaterra, ocupando-se da sua ascensão até o período mais remoto possível do qual existam registros, juntando a isto as leis que foram confeccionadas nas várias épocas, à medida que ele prossegue na sua história, com a

³ Os dois famosos tratados do próprio Locke, dos quais o segundo se tornou o texto fundacional do liberalismo moderno. (Nota do tradutor).

⁴ O ano corrente era 1703, e o autor da obra, um certo Peter Paxton. (Nota do tradutor).

finalidade de que possa observar a partir disto as variadas mudanças no comando do estado e como foram produzidas. Encontrará tudo na História da Inglaterra do sr. Tyrrel, junto com aqueles vários autores que trataram dos nossos assuntos e aos quais ele pode recorrer no que concerne a qualquer ponto específico que a sua curiosidade ou o seu discernimento o levem a examinar.

Junto da história, ele também pode ler os advogados antigos, tais como Bracton, “Fleta” Henningham, o *Espelho da Justiça*, os *Segundos Institutos*, do lorde Coke, e o *Modus tenendi Parliamentu*; outros deste tipo ele pode encontrar citados nas antigas controvérsias entre o sr. Petit, o sr. Tyrrel, o sr. Atwood & Co com o Dr. Brady, assim como também, suponho, no Tratado de Sedler *Dos Direitos do Reino e Dos Costumes dos nossos ancestrais*, dos quais a primeira edição é a melhor, e na qual encontrará a antiga constituição do governo da Inglaterra.⁵

Há dois volumes dos *Tratados do Estado* impressos desde a revolução, nos quais há muitas coisas relativas ao governo da Inglaterra.

Quanto à história geral, devem-se possuir os livros de Sir Walter Raleigh e do Dr. Howell. Aquele que se sentir inclinado a avançar mais longe neste oceano pode consultar o *Methodus Legendi Historias*, de Whear, na sua última edição, livro que o direcionará para os autores que deve ler e para o método por meio do qual os deve ler.

Para a leitura da história, a cronologia e a geografia são absolutamente necessárias.

Em geografia, temos dois livros de conteúdo geral em inglês, os de Heylin e Moll; qual é o melhor deles é algo que não saberia dizer por ter pouca familiaridade com ambos. Mas creio que o último deve ser mais útil em razão das novas descobertas que são feitas a cada dia, no caminho do aperfeiçoamento daquela ciência. Contudo, creio que os países que Heylin menciona recebem da sua parte um tratamento melhor, a despeito das novas descobertas feitas desde a sua época.

Estes dois livros contêm a geografia em geral, não importando se um cavaleiro inglês julgaria digno do seu tempo despender muitos esforços com isso; contudo, sem eles não pode compreender bem uma gazeta. É fora de dúvida que ele não pode

⁵ Agora temos duas coleções de tratados sobre o estado; uma delas, em dois volumes em fôlio, impressa em 1689 e 1692, e a outra, em três volumes em fôlio, impressa em 1705, 1706 e 1707, é uma “Coleção de tratados”, publicados por ocasião da última revolução em 1688 e durante o reino do Rei Guilherme III. Estas coleções poderiam ter recebido um acabamento mais completo e mais conveniente, especialmente a primeira, que é extremamente incorreta e defeituosa. (Nota de Locke).

prescindir do *Britannia*, de Camden, que foi muito aumentado na última edição inglesa. Também é necessária uma boa coleção de mapas.

Podem-se acrescentar aos livros de geografia aqueles de viagens. Neste gênero, são muito boas as coleções confeccionadas pelos nossos compatriotas Hackluyt e Purchas. Há também uma coleção muito boa feita por Thevenot na forma de um fólio, em francês, e por Ramuzion, em italiano; se estas obras foram traduzidas em inglês é coisa que não sei. Há também vários bons livros de viagens, da autoria de ingleses, que foram publicados, tais como os de Sandys, Roe, Brown, Gage e Dampier.

Há também vários livros sobre jornadas em francês que são muito bons, tais como os de Pyrard⁶, Bergeron⁷, Sagard⁸, Bernier⁹, etc. Se foram todos traduzidos para o inglês é coisa que não sei.

Há presentemente a ótima “coleção de jornadas e viagens”, nunca antes publicada em inglês, e que agora está fora de catálogo e sendo impressa pelo sr. Churchill.¹⁰

Há além destes um vasto número de outros livros de viagens, um tipo de livros que trazem uma combinação muito boa de deleite e utilidade. Mencionar todos tomaria muito tempo e espaço. Aqueles que mencionei são o bastante para começar.

Quanto à cronologia, penso que Helvicus é o melhor para o uso costumeiro; não é um livro para ler, mas para ter à mão e consultar quando se der o ensejo. Aquele que estiver disposto a ir mais além na cronologia pode obter as “Tábuas”, de Tallent, e o “Breviarum Temporum”, de Strauchius, e a estes pode acrescentar, de Scaliger, o “De Emendatione Temporum” e Petavius, se estiver interessado em mergulhar mais a fundo em tal estudo.

Aqueles a quem se credita terem escrito melhor sobre partes específicas da história inglesa são Bacon, para o caso de Henrique VII, e Herbert, para o de Henrique VIII. Também se tem elogiado Daniel e a “História da Reforma”, de Burnet.

⁶ “Voyage de François Pyrard de Laval. Contenant sa navigation aux Indes Orientales, Maldives, Moluques, Brésil”. Paris 1619, 8vo, 3ª edição. (Nota de Locke)

⁷ “Relation des voyages en Tartarie &c. Le tout recueilli par Pierre Bergeron”, Paris 1634, 8vo. (Nota de Locke).

⁸ “Le grand voyages des Hurons, situés en l’Amérique, &c. Par F. Gab. Sagart Theodat”. Paris 1632, 8vo. (Nota de Locke).

⁹ “Memoires de l’empire du Grand Mogol, &c. par François Bernier”. Paris 1670 e 1671, 3vo. (Nota de Locke)

¹⁰ Esta coleção de jornadas e viagens foi publicada em 1704, em 4 volumes, em folio. (Nota do tradutor).

A *História da Espanha*, de Mariana, e a *História do seu próprio tempo*, de Thuanus, assim como a obra de Philip de Comines, desfrutam de uma vasta e merecida reputação.

Há também vários livros de memórias e coleções inglesas e francesas, tais como as de la Rochefoucault, Melvil, Rushworth *etc.*, que lançam muita luz sobre o que se passou na Europa nesta última era.

Para tornar um cavalheiro apto a se conduzir da melhor maneira, seja no âmbito privado, seja como um homem interessado no governo do seu país, nada pode ser mais necessário do que conhecer a natureza dos homens, coisa que embora se possa obter principalmente com a experiência e, depois desta, a partir de uma judiciosa leitura da história, é todavia objeto de livros que têm como propósito tratar a natureza humana, que dela nos dão uma melhor compreensão. Tais livros são aqueles que tratam das paixões e de como são acionadas, tema sobre o qual Aristóteles discorreu de modo admirável no seu segundo livro da Retórica, fazendo-o de modo conciso. Penso que esta Retórica foi traduzida para o inglês; se não for o caso, pode-se consultá-la concomitantemente em grego e latim.

Os *Carácteres*, de La Bruyère, são também um retrato admirável. Penso que também foram traduzidos do francês para o inglês.

Também os escritos satíricos são tais que, como em Juvenal e Pérsio, e acima de tudo em Horácio, embora retratem as deformidades dos homens, ensinam-nos deste modo a conhecê-los

Dentre todos os livros de ficção não conheço nenhum que se iguale à *História do Dom Quixote*, de Cervantes, pelo que respeita à sua utilidade, ao deleite que causa e a um constante senso de decoro. E na verdade nenhum escrito pode ser agradável se não tiver a natureza como fundamento e se não for elaborado à sua semelhança.

Há um outro tipo de livro, que quase ia esquecendo, com o qual um cavalheiro deve estar bem provido, a saber, dicionários de todos os tipos. Para a língua latina, Littleton, Cooper, Calepin e o *Thesaurus Linguae Latinae*, de Robert Stephen, e o *Etymologicum Linguae Latinae*, de Vossius. O *Lexicon Etymologicum*, de Skinner, é uma excelente obra do seu gênero para a língua inglesa. O *Interpreter*, de Cowell, é útil para os termos jurídicos. O *Glossary*, de Spelman, é um livro muito útil e erudito. E um cavalheiro não deveria passar sem *Titles of Honour*, de Selden. Baudrand tem um ótimo *Geographical Dictionary*. E há vários dicionários históricos que são úteis, tais como os de Lloyd, Hoffman e Moreri. E o incomparável dicionário de Bayle é algo do mesmo

gênero. Aquele que tiver a oportunidade de consultar livros escritos em latim desde a decadência do Império Romano e da pureza da língua latina não pode prescindir do *Glossarium mediae et infimae Latinitatis*.

Entre os livros apresentados acima, mencionei o *Etymologicum Linguae Latinae, de Vossius*; todas as suas obras foram publicadas recentemente na Holanda, em seis tomos. São livros adequados para a biblioteca de um cavalheiro, em virtude de conterem discussões muito eruditas acerca de todas as ciências.